

Haverá guerra em Taiwan?

Via [China Worker](#)

Em abril, a revista The Economist apresentou Taiwan em sua capa como “o lugar mais perigoso do mundo”. A manchete provocou uma discussão acalorada. Como Taiwan poderia ser agrupado com a Coreia do Norte, Afeganistão ou Gaza? Mas nos últimos anos, e especialmente nos meses desde que a administração de Joe Biden tomou posse, empurrando o Indo-Pacífico e a luta estratégica com a China para o topo de suas prioridades, as tensões através do Estreito de Taiwan subiram a um nível sem precedentes.

No conflito do século XXI entre o imperialismo americano e chinês, Taiwan é fundamental por razões econômicas, políticas e geoestratégicas. Para o estado do PCC (a ditadura chinesa mal denominada e completamente não comunista), Taiwan é um símbolo nacionalista potente, sem a aquisição da qual o “grande rejuvenescimento nacional” da China permanecerá por cumprir. Mas esta importância simbólica por si só não explica a política taiwanesa do PCC.

As linhas vermelhas da China

O regime do PCC não pode permitir que Taiwan seja formalmente “separado” e anexado ao campo ocidental liderado pelos Estados Unidos no conflito em desenvolvimento na Guerra Fria. Portanto, uma declaração formal de independência de Taiwan, um impulso para isso por parte dos EUA e outras grandes potências, ou o estacionamento de forças militares dos EUA na ilha, são todas “linhas vermelhas” que se violadas representariam uma derrota histórica para o regime chinês e ameaçariam acabar com seu domínio. É por isso que Pequim não está apenas aumentando a retórica de lobo guerreiro, mas também aumentando sua atividade aérea e naval em torno de Taiwan (um recorde de 380 incursões da Força Aérea Chinesa no

espaço aéreo de Taiwan em 2020, e um novo aumento este ano). Uma escalada paralela está ocorrendo por ambos os lados nas águas disputadas do Mar do Sul da China, que está intimamente relacionada com o conflito de Taiwan. As ações de Pequim são para avisar Taipei e Washington para não desafiar suas “linhas vermelhas”, assim como fornecer música de fundo nacionalista para as lutas internas de poder de Xi Jinping, para cimentar seu domínio vitalício sobre o estado do PCC.

Para o lado americano, aplica-se o contrário: Se a China “reunificasse” com Taiwan, trazendo-a firmemente para seu campo sob o controle do Exército de Libertação Popular (ELP), esta seria uma derrota histórica para o imperialismo americano. Militarmente, o controle de Taiwan permitiria que a China dominasse a Ásia Oriental e o Pacífico Ocidental. Os EUA estariam decisivamente enfraquecidos, suas alianças estratégicas com potências regionais como Japão, Coreia do Sul, Índia e Austrália começariam a se desvendar. A credibilidade americana como principal superpotência na Ásia (desde 1945) sofreria um golpe irreversível.

Paralelos com Suez

Os comentaristas têm traçado paralelos com a crise de Suez de 1956, quando o Egito derrotou a tentativa da Grã-Bretanha, França e Israel de tomar o controle do Canal de Suez depois que este foi nacionalizado pelo presidente pan-arábico radical Gamal Abdel Nasser. O Suez marcou o fim do imperialismo britânico e europeu como potências globais. Os EUA permaneceram fora do fiasco do Suez, permitindo que seus aliados fossem humilhados. Se os EUA falhassem, ou se recusassem, a impedir uma tomada de Taiwan pelo PCC, isso marcaria um ponto de inflexão histórico: O “momento Suez” dos Estados Unidos. Mas tal resultado, nas condições atuais, seria pior para o capitalismo ocidental. Como explicou *The Economist*, citando Matt Pottinger, chefe da política da Trump na Ásia, quando a Grã-Bretanha tropeçou na Suez, os EUA já haviam tomado seu lugar como o líder do mundo ocidental. Hoje,

“não há outro Estado americano esperando nas asas”.

Claramente, nenhuma das principais potências envolvidas na Guerra Fria de hoje vê a “questão de Taiwan” do ponto de vista do bem-estar, segurança ou direitos democráticos de seu povo. Os 23 milhões de taiwaneses têm a infelicidade de ter se tornado uma peça de xadrez vital na disputa sobre quem exercerá o poder e o controle final na região Indo-Pacífico. Em Taiwan, o pleno significado deste alinhamento geopolítico de forças está sendo compreendido apenas gradualmente. A consciência de massa é complicada pelo papel dos líderes burgueses do nacionalismo taiwanês (os pan-verdes governantes) que exploram a profunda hostilidade contra a ditadura do PCC para promover uma agenda pró-EUA e para ganhar votos.

Entre a base popular do nacionalismo taiwanês, especialmente a geração mais jovem que apoia esmagadoramente a independência e a vê como uma garantia dos direitos democráticos, há um sentimento de que a questão pode ser decidida dentro da própria Taiwan, ou através da diplomacia e da aliança com os EUA. Isto apesar do histórico dos EUA de apoiar 75% das ditaduras mundiais e trair inúmeras promessas de apoio (aos curdos, às mulheres no Afeganistão, aos guerrilheiros tibetanos Khampa) quando os interesses geopolíticos de Washington mudaram. Para o imperialismo americano, como demonstrou seu apoio ao regime de Chiang Kai-shek, não haveria dúvidas morais em apoiar uma ditadura para governar Taiwan no futuro, desde que fosse “um dos nossos”.

Como princípio geral, a ideia de que Taiwan – seu povo – deve decidir o futuro da ilha é, naturalmente, muito razoável. Mas isto não acontecerá com base no capitalismo e no imperialismo. O destino de Taiwan, infelizmente, será decidido por Pequim e Washington, por sua luta para “vencer o século 21”, que está sendo travada sobre as cabeças do povo taiwanês. Somente o sucesso da revolução socialista internacional para acabar com o capitalismo e o imperialismo pode dar às massas de Taiwan e de outros países o controle sobre seu próprio futuro.

“Ambiguidade estratégica”.

Tanto o capitalismo americano quanto o chinês querem controlar a peça de xadrez de Taiwan. Mais corretamente, eles devem a todo custo impedir o outro lado de capturar o controle. Por esta razão, até agora, um impasse geoestratégico tem sido aceitável para ambos os lados. Esta é a origem da “política Uma China”, que os EUA ainda mantém formalmente, sob a qual Taiwan não é reconhecido como um estado independente. Aderir à “Uma China”, de acordo com protocolos diplomáticos acordados há 50 anos pelo presidente americano Richard Nixon e o líder chinês Mao Tse Tung, foi o preço que o imperialismo americano estava disposto a pagar para recrutar a China para seu lado na Guerra Fria original contra a URSS. Como parte dessa mudança nas relações mundiais, Taiwan foi expulso sem cerimônias das Nações Unidas em 1971.

A política americana de “ambiguidade estratégica” em relação a Taiwan teve origem na mesma época. Os EUA se comprometem a “proteger” (vender armas para) Taiwan, mas não dizem explicitamente que virão em defesa da ilha no caso de um ataque chinês. Hoje a situação é muito diferente. Ambos os lados têm aumentado maciçamente as tensões sobre Taiwan, especialmente desde a chegada de Biden ao poder. Em comparação com as políticas erráticas de Trump, Biden está seguindo uma estratégia mais coordenada, planejada e – pelo menos até agora – diplomática para apertar a China (alianças internacionais e “a América está de volta à mesa”). O regime de Xi deu início à sua política externa nacionalista de guerreiros lobos e à repressão interna em resposta.

Os EUA temem que a crescente capacidade militar da China venha a permitir a tomada forçada de Taiwan. A marinha chinesa é agora maior do que a americana (360 navios contra 297). A China teria a vantagem de lutar muito mais perto de casa. Está ocorrendo um intenso debate nos círculos militares e de política externa dos EUA sobre se a “ambiguidade estratégica” deve ser abandonada em favor de uma garantia explícita dos EUA

de intervir militarmente do lado de Taiwan. Vozes contrárias advertem que esta poderia ser a própria centelha que leva o regime de Xi a lançar uma invasão.

Em vez de descartar a “ambiguidade estratégica”, Biden e sua coleção de aliados americanos “recém nascidos” mudaram a mensagem, para sugerir uma mudança de postura sempre tão leve como um aviso para Xi. Na reunião do G7 de junho na Inglaterra, e quando o primeiro-ministro japonês Yoshihide Suga se encontrou com Biden dois meses antes, os comunicados oficiais mencionaram a “importância da paz e da estabilidade através do Estreito de Taiwan”. Nunca antes Taiwan havia sido mencionado nos fóruns dos líderes ocidentais. Isto foi visto como uma provocação por Pequim, o que era a intenção. Mais recentemente, o vice-primeiro-ministro japonês advertiu que um ataque chinês a Taiwan representaria uma “ameaça existencial” para o Japão, implicando claramente que o país iria à guerra para defender Taiwan. Os políticos australianos, incluindo o ministro da defesa Peter Dutton, fizeram advertências semelhantes nos últimos meses.

Em julho, o Coordenador de Biden para o Indo-Pacífico Kurt Campbell fez um discurso amplamente divulgado reiterando a linha dos EUA, “não apoiamos a independência de Taiwan”. É claro que isto não é novidade, tem sido a política dos EUA desde Nixon-Mao. Mas a parte mais importante do discurso de Campbell foi um aviso ao regime chinês de que um ataque a Taiwan seria “catastrófico”. Campbell disse que havia “um senso claro” de que o PCC está avaliando calmamente a resposta global à repressão em Hong Kong para avaliar como o mundo poderia reagir se tentasse uma ação semelhante contra Taiwan.

O discurso de Campbell reconheceu implicitamente que os EUA são impotentes para deter o estrangulamento político de Hong Kong, mas advertiu o PCC para não esperar uma latitude semelhante no caso de Taiwan. Uma dinâmica de corrida de galinhas está se desdobrando, com ambos os lados recorrendo a comportamentos mais extremos a fim de dissuadir o outro. Mas

como nenhum dos dois pode se dar ao luxo de perder, isto simplesmente alimenta uma escalada ainda maior.

Será que Xi Jinping atacará?

Então, quão grande é o perigo de um ataque do PCC a Taiwan? Enquanto a retórica endureceu significativamente (a palavra “pacífica” foi agora oficialmente eliminada do mantra “reunificação” do PCC), Xi Jinping não arriscaria uma guerra a menos que estivesse completamente confiante de que venceria. Militarmente e geograficamente, seria necessária uma força maciça para invadir Taiwan devido a sua costa rochosa e padrões meteorológicos imprevisíveis. Especialmente para um regime ditatorial, não há maior momento de perigo do que a guerra (além da revolução), e as repercussões da derrota, como mostram os exemplos da Rússia 1904-5, Argentina 1982, e muitos outros. Um desastre militar, sendo obrigado a abortar uma invasão, sofrendo pesadas perdas – estas coisas poderiam desencadear uma crise governamental, provavelmente a queda de Xi Jinping, e possivelmente o colapso do regime do PCC.

A outra questão crucial é como o PCC governaria Taiwan? Dada a esmagadora oposição das massas em Taiwan à unificação e ao PCC, isso exigiria uma enorme ocupação militar e um estado policial. Mesmo que isso fosse bem sucedido, colocaria o perigo de um alcance imperial excessivo para Pequim, com falhas e resistência de massa em Taiwan criando um ciclo de retroalimentação espalhando instabilidade e agitação de volta para a China. Havia uma certa lógica no arranjo “um país, dois sistemas” oferecido a Taiwan por muitos anos, com Hong Kong como um modelo possível. Isto previa que Pequim governasse Taiwan através de uma administração “compradora” de um Kuomintang pró-PCC ou similar, não muito diferente dos primeiros anos da transferência de Hong Kong pós-97. Mas esta opção, nunca muito provável, foi destruída pela subjugação sangrenta de Xi Jinping a Hong Kong. “Um país, dois sistemas”, desperta uma repulsa em massa em Taiwan. Até mesmo o Kuomintang se manifestou contra ele.

Crise revolucionária

Desta forma, a estratégia de linha dura de Xi Jinping em relação a Hong Kong colocou seu regime em um beco sem saída sobre Taiwan. É claro que o PCC não pode deixar de lado o objetivo da “reunificação”, mas agora isso só pode ser realisticamente alcançado pela guerra. Como parte de sua mobilização na Guerra Fria, o exército dos EUA emitiu inúmeros avisos de que Pequim poderia lançar uma invasão de Taiwan em seis anos, “ou mais perto do que a maioria das pessoas pensa”, como declarou o Almirante John Aquilino, comandante do Comando Indo-Pacífico dos EUA, no início deste ano.

Nesta fase, estas previsões parecem exageradas. Mas outros cenários podem surgir se o atual equilíbrio de poder mudar decisivamente em uma ou outra direção. Por exemplo, no caso de uma crise aguda na China, uma crise revolucionária, Xi Jinping ou seu sucessor poderia entrar em pânico para lançar um ataque militar como um desvio político – um caso de “Wag the Dog” com características chinesas. Por outro lado, uma futura crise política profunda ou colapso econômico nos Estados Unidos poderia forçar uma retirada do poder militar americano do Indo-Pacífico, criando um vácuo de poder que, com base na atual constelação de forças, somente a China estaria pronta para preencher. Sob este cenário, Taiwan e sua fraca e instável democracia burguesa poderia enfrentar um resultado tchecoslovaco – a ser “comercializada” como parte de um acordo imperialista mais amplo.

Mais uma vez, estas variantes de perspectivas mostram que o destino de Taiwan não será decidido principalmente por sua própria dinâmica interna. O movimento operário e os jovens que cada vez mais querem a independência precisam entender que suas lutas devem se ligar urgentemente com os trabalhadores e a juventude na China, nos EUA e no mundo. Alguns à esquerda e muitos no meio nacionalista radical não conseguem fazer essa conexão e tendem a ver as relações mundiais, a China, a Guerra Fria EUA-China, como desenvolvimentos externos interessantes

sem grande relevância para a política taiwanesa. Mas, numa base capitalista, é improvável que Taiwan jamais consiga a independência, não obstante os desejos claros da maioria de seu povo.

Kurt Campbell acaba de lembrar a todos que a independência de Taiwan é oposta não por uma, mas pelas duas superpotências imperialistas. O destino de Taiwan sob o capitalismo é ser um prisioneiro da Guerra Fria imperialista: sem Estado, altamente militarizado e sob a sombra de uma possível guerra "quente". Os socialistas lutam para conquistar o movimento operário para um programa socialista para tomar o poder e abolir o capitalismo de Taiwan, defendendo plenamente o direito à autodeterminação do povo de Taiwan, como parte de uma luta mais ampla contra o capitalismo e o imperialismo em toda a Ásia e globalmente.